

A identidade cultural dos jovens da Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto do território quilombola de Jambuaçu – Moju/PA

The cultural identity of the young people of the Padre Sergio Tonetto Rural Family House in the quilombola territory of Jambuaçu - Moju / PA

Ana Cristina Silva Batista

Universidade do Estado do Pará

Moju/PA - Brasil

Rosiellem Cabral dos Passos de Almeida

Universidade do Estado do Pará

Ananindeua/PA - Brasil

Tony Tavares de Oliveira

Universidade do Estado do Pará

Moju/PA - Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a identidade cultural dos jovens que estudam na Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto, na comunidade quilombola de Jambuaçu em Moju/PA. Para isso foram utilizados os parâmetros da Análise do Discurso de linha francesa bem como buscou-se fundamento nos escritos de Hall (2005), Orlandi (2009), Bauman (2005), Pêcheux (2006), Brandão (2004), entre outros, o que possibilitou concluir que os jovens definem sua identidade cultural como sendo quilombola, mesmo não conhecendo o que significa este termo e que a Casa Familiar Rural funciona como a principal mantenedora da identidade dos jovens que nela estudam, assumindo até o papel de aparelho ideológico, já que é por causa desta instituição que muitos alunos reconhecem sua identidade cultural.

Palavras-chave: Análise do discurso; Identidade; Quilombo.

Abstract

This article aims to investigate the cultural identity of young people who study at the Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto in the quilombola community of Jambuaçu in Moju / PA. For that, the parameters of the Discourse Analysis of the French line were used, as well as the search for a foundation in the writings of Hall (2005), Orlandi (2009), Bauman (2005), Pêcheux (2006), Brandão (2004), among others, which made it possible to conclude that young people define their cultural identity as being quilombola, even though they do not know what this term means and that the Casa Familiar Rural functions as the main maintainer of the identity of the young people who study there, even assuming the role of ideological apparatus already that it is because of this institution that many students recognize their cultural identity.

Keywords: Speech analysis; Identity; Quilombo.

Considerações iniciais

O presente artigo tem como território de pesquisa o município de Moju, que está localizado na região nordeste do Estado do Pará, com uma população de 70.018 mil habitantes, distribuídos entre zona urbana (25.162 habitantes) e zona rural (448.56 habitantes), ou seja, a maioria dos mojuenses residem na zona rural/ribeirinha (IBGE-CENSO, 2010). Entre os que residem na zona rural, estão os que pertencem à comunidade de Jambuaçu, e que se intitulam como indivíduos remanescentes de quilombos.

Neste cenário, a questão identitária só passa a ser percebida quando a identidade é questionada ou negada; quando o sentimento de pertencimento a um lugar ou a uma comunidade levanta dúvidas ou ainda quanto ao sentimento de incompatibilidade, inadequação, de questionamentos do eu e de seu lugar na engrenagem social.

Considerando isto, esta pesquisa procura investigar como são constituídas as identidades culturais, neste caso, a identidade quilombola dos jovens que estudam na Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto, por meio da análise dos discursos dos próprios alunos dentro da realidade vivida por estes. Para isso, será utilizada a Análise do Discurso (doravante AD), pois entende-se que as identidades desses jovens determinam as posições ideológicas utilizadas por eles, dentro do contexto social e cultural em que vivem.

Ainda sobre isso, a Análise do Discurso torna-se importante nesta investigação visto que, segundo Orlandi (2009), encarrega-se de compreender a língua dentro de um contexto, relacionando o discurso do homem com sua história e seu contexto social, ou seja, não aborda a língua em um campo abstrato, mas a língua no mundo.

Diante disso, este artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: o primeiro tópico apresenta um apanhado histórico sobre a formação dos primeiros quilombos, a questão da nomenclatura no que diz respeito às comunidades quilombolas ou comunidades remanescentes de quilombos; o segundo tópico discorre acerca do território quilombola em estudo e faz uma breve descrição sobre a Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto; na sequência, no terceiro tópico, procura-se fazer um apanhado teórico das questões referentes à identidade pautado nos estudos de Hall (2005); em seguida, fala-se um pouco sobre os pressupostos da Análise do Discurso; seguido a isto, tem-se os desdobramentos metodológicos da pesquisa, a análise dos dados, e, por fim, seguem-se as considerações finais.

Os Quilombolas no Brasil

Para entender a definição do que é ser quilombola é preciso adentrar um pouco na história e formação dos quilombos. Formados por negros que vieram da África por meio do tráfico negreiro e que sofreram com a escravidão, os quilombos abrigavam os negros

escravizados, fugidos de seus senhores e representavam naquela época, o lugar da liberdade, a pátria Africana no Brasil e para sua construção,

Os negros fugiam, reuniam-se e criavam uma comunidade no mato: surgiam roçados, casebres, organização política e social baseada na propriedade coletiva e uma força guerreira [...] Essa era à base dos quilombos: a fuga da escravidão e a tentativa de estabelecer uma comunidade negra autônoma e livre (CHIAVENATO, 2012, p. 139).

Os negros que eram capturados na África e traficados para o Brasil passavam por situações desumanas dentro de embarcações, em condições precárias de higiene e alimentação. Depois que aqui chegavam, sofriam ainda mais com as barbáries da escravidão, morriam em situações cruéis, de fome, doenças, castigos, nos quais eram arrancados seus membros, seus órgãos genitais, seus olhos. Sofriam não só os negros homens, mas também mulheres e crianças, sendo que, muitas mães eram obrigadas a abortar seus filhos, e muitas crianças eram mortas para não tirar ou desviar sua mãe do trabalho.

Cansados das desumanidades com as quais eram tratados, como as torturas frequentes e as injustiças sociais, começaram a se revoltar, encontrando na fuga, a única maneira de se verem livres da escravidão. Assim, fugiam, encontravam-se no mato, organizavam-se e, assim, formavam os primeiros quilombos.

O quilombo mais conhecido e importante, organizado socialmente e com grande capacidade de resistência, chamava-se Palmares, localizado na Serra da Barriga no estado do Alagoas, tinha como liderança Zumbi, que foi morto por causa de sua luta e resistência diante da escravidão e das injustiças sociais.

Palmares na descrição de Malheiros começou com 40 negros apenas, [...] mas cresceram por tal forma esses mocambos, que fizeram povoações das quais a principal, ‘Macaco’, tinha mais de 1.500 casais; e todos chegaram a reunir uma população de 18 a 20 mil habitantes”. Palmares só foi destruída em 1697, sendo necessário uma força militar calculada entre 3 a 8 mil homens, que tiveram de matar quase todos os negros quilombolas (CHIAVENATO, 2012, p. 140).

Para alguns brasileiros, no ano de 1988, o termo quilombo estava diretamente ligado ao Quilombo de Palmares e figura do Herói Zumbi. Com o passar dos anos, essa visão foi mudando e afastou-se da antiga concepção vinculada ao modelo e a imagem daquele que foi considerado o “Rei dos Palmares”, levando a uma nova maneira de pensar e definir o conceito de quilombo, já que estes não eram apenas o lugar de negros fugidos, mas representavam, também, o lugar de luta por liberdade, modelo de organização e de resistência.

Povos descendentes de negros vindos da África, os quilombolas, encontraram-se espalhados pelo Brasil, sendo que em 1988, houve a atribuição de direitos de territorialidade por meio do artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias que assegura: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos” (Art. 68. ADT).

A denominação de “remanescentes das comunidades dos quilombos” passou a ter existência jurídica a partir da promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988, pela Assembleia Nacional Constituinte. Os quilombolas que lutaram por direito territorial alcançaram o reconhecimento de suas terras e chegaram aos dias de hoje, sendo denominados de “Comunidades quilombolas”, assim definidos pela Constituição:

Remanescentes das comunidades dos quilombos [...] os grupos étnicos raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Parágrafo 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, decreto número 4.887, de 20 de novembro de 2003).

Em virtude disso, os indivíduos que moravam em quilombos passaram a ser denominados quilombolas, descendentes de negros que lutaram e lutam por direito tanto territorial como cultural, sendo agentes de sua própria história, valorizando seus traços culturais e construindo relações coletivas com seus entes em suas terras. E, é dentro desse contexto de coletividade, que criam formas de luta e de resistência.

Atualmente, os remanescentes de quilombos encontram-se espalhados pelo Brasil, predominantemente nas áreas rurais, distante das cidades e com seu modelo próprio de organização. Seus territórios representam lugares de resistência cultural, onde moram pessoas que se identificam como remanescentes desse grupo étnico e se distinguem de outros, em função dos seus costumes, tradições, condições sociais e culturais.

Algumas comunidades ainda conseguem preservar na memória, na oralidade, na dança, na gastronomia, um pouco de sua cultura. No entanto, outros são envolvidos por este mundo globalizado e de fácil acesso à internet, onde as relações interpessoais estão acontecendo de maneira acelerada, estabelecidas por diferentes sujeitos, alterando valores tradicionais das comunidades, provocando novas atitudes e colocando em xeque a diversidade cultural de cada comunidade.

Devido ao intenso processo de globalização, e o processo de eletrificação de localidades do interior permitindo o acesso aos aparelhos de televisão, internet, com redes

Sociais, aplicativos, de alta interatividade, mesclando hipertexto, com hipermídia, entre eles o *Facebook*, o *WhatsApp* e o *Tinder*, os jovens estão cada vez mais envolvidos por esses recursos digitais. E é nesse cenário hiper mediatizado, que se adentra ao cerne da formação identitária dos jovens das comunidades remanescentes de quilombo do Jambuaçu, território apresentado no tópico a seguir.

O Território Quilombola de Jambuaçu

Localizado no município de Moju, no Estado do Pará, esse território é formado, atualmente, por quinze comunidades certificadas e tituladas pelo Instituto de Terras do Pará- ITERPA. Essa titulação iniciou-se em 2001, com base no Artigo 68 – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição de 1988, que garante o direito do título coletivo de terra, para quilombolas que nela moram.

As comunidades são representadas, legalmente, por suas associações e compartilham de características comuns como, por exemplo, as festividades dos seus santos que são realizadas em conjuntos, onde cada comunidade celebra a data do seu padroeiro. Assim como, o “campeonato do território quilombola de Jambuaçu”, que acontece uma vez a cada ano, onde as rodadas são realizadas a cada período em uma comunidade diferente, fazendo assim, com que as pessoas do território mantenham sempre contato umas com as outras.

O quadro abaixo mostra a associação que representa cada comunidade a data de fundação e a titulação.

Quadro 1 – Informações sobre as comunidades.

COMUNIDADE	ASSOCIAÇÃO A QUAL PERTENCE	DATA DA TITULAÇÃO
1. São Bernardino	Associação remanescente de quilombo filhos de Zumbi e foi fundada em 13/06/2002.	23/11/2006
2. Santa Luzia do Poacê	Associação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Santa Luzia do Bom Prazer.	Em processo de titulação
3. Ribeira do Jambuaçu	Associação Quilombola Oxóssi da Comunidade Ribeira e foi fundada em 20/11/2006	02/12/2008
4. São Manoel	Associação Quilombola dos Agricultores de São Manoel e foi fundada em 15/06/2002	20/11/2005
5. Jacundaí	Associação Remanescente de Quilombo Oxalá de Jacundaí e foi fundada em 12/06/2002.	23/11/2006
6. N ^a Sr. ^a das Graças	Associação remanescente de quilombo filhos de Zumbi e foi fundada em 13/06/2002.	23/11/2006
7. Santa Maria do Mirindeua	Associação da Comunidade Quilombola de Santa Maria do Mirindeua foi fundada em 06/02/2002	23/08/2003
8. Vila Nova	Associação remanescente de quilombo filhos de Zumbi e foi fundada em 13/06/2002.	23/11/2006
9. Nossa Senhora das Graças	Associação remanescente de quilombo filhos de Zumbi e foi fundada em 13/06/2002.	23/11/2006

10. Santana do baixo	Associação Remanescente de Quilombo Santa Ana do Baixo foi fundada em 30/04/2005.	30/11/2009
11. Santo Cristo	Associação Remanescente de Quilombo Santo Cristo foi fundada em 23/09/2002.	23/08/2003
12. São Sebastião	Associação Remanescente de Quilombo São Sebastião foi fundada em 14/06/2002.	30/11/2009
13. Santa Maria do Traquateua	Associação Quilombola de Santa Maria do Traquateua fundada em 16/07/2002.	20/11/2005
14. Santa Luzia do Traquateua	Associação Remanescente de Quilombo Santa Luzia do Traquateua foi fundada em 16/07/2002.	30/11/2009
15. Bom Jesus do Centro Ouro	Associação remanescente de quilombo filhos de Zumbi e foi fundada em 13/06/2002.	23/11/2006

Fonte: PNCSA/ITERPA (2020).

Segundo o PNCSA – Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – (2007, p. 04) “Os quilombolas de Jambuaçu reconhecem-se como remanescentes de quilombos, com respaldo jurídico no artigo 68/ ADC-1988 e no Decreto Federal 4.887/2003”. Cada comunidade possui sua sede, presidente, vice-presidente e secretários, com uma forma organizada e estrutura reconhecida pelo governo e pelas comunidades que vivem ao redor do território.

A Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto que foi criada por meio de uma conquista do povo quilombola contra a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), encontra-se localizada na Rodovia dos Quilombolas, na Comunidade Nossa Senhora das Graças. A Casa atende aos filhos dos moradores do território, e recebe também alunos de outras comunidades, que não são reconhecidas como quilombolas. Ela oferece Ensino Fundamental e Médio e funciona em regime de alternância, ou seja, os alunos moram uma semana na escola e passam duas semanas em suas casas. Dessa maneira, não desvinculam os saberes ensinados na escola dos saberes apreendidos na família, pois estudam tanto os conhecimentos da educação básica, como os conhecimentos de formação agrícola, e assim, constroem identidades.

Discutindo o Conceito de Identidade

Na contemporaneidade vive-se um momento em que os paradigmas que serviam para orientar as gerações passadas não servem, não funcionam ou não dão conta de resolver, proceder, ou equalizar os novos relacionamentos entre as pessoas, entidades institucionais, ou mesmo profissional e familiar.

Acerca disso, é possível afirmar que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio” (HALL, 2005, p 07). Em outras palavras, as concepções de identidades definidas por Hall, como o sujeito do Iluminismo, como um indivíduo centrado e unificado, assim também como o sujeito sociológico, que mediavam os valores, a cultura num relacionamento direto com as pessoas importantes para ele, há muito foram ultrapassadas.

Assim como também, os descentramentos que o sujeito sofreu ao longo da sua trajetória histórica recente como a influência do pensamento marxista, os trabalhos de Freud, a Linguística de Saussure, os estudos de Foucault, e por último, mas, não menos importante, o impacto do movimento ou revolução feminista.

Mas o que mudou? O que faz com que as pessoas pareçam estar diferentes, perdidas, deslocadas, fora do seu eixo? Hall (2005) diz que essa mudança é estrutural e que está transformando as sociedades modernas do final do século XX. Argumenta, ainda, que a sociedade está se fragmentando abrangendo classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. O que antes era algo sólido e perene, estável e quase nunca mudava, hoje se torna descentrado, deslocado, “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (Hall, 2005, p. 09). O que Hall chamou de “crise de identidade”.

A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. O próprio Hall (2005) deixa em subentendido que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Em outras palavras, algumas pessoas em determinados momentos podem estar tão seguras de si e logo depois mudam totalmente a personalidade, como se mudassem de roupa, e encerram as relações e começam outras de maneira quase instantânea. O que foi citado por Marx dessa forma:

É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar (MARX; ENGELS, 1973 *apud* HALL, 2005, p. 70).

O que torna então as sociedades modernas diferentes das chamadas sociedades tradicionais? Segundo Hall (2005) e concordando com ele Bauman (2005) a grande diferença entre as sociedades tradicionais e as modernas é que as últimas estão em constante transformação, rápidas, instáveis e permanentes mudanças, refletindo nas identidades das pessoas. Sobre isso se diz que:

Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (BAUMAN, 2005, p. 32).

Com o processo rápido de mudança as pessoas não se identificam com os velhos formatos de identidade “ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais mal visto no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis simplesmente não funcionam” (Bauman, 2005, p. 35-36).

Sendo assim, uma identidade é também uma posição do sujeito em detrimento de outros posicionamentos e identificações, é uma questão de alteridade, na qual os indivíduos só se reconhecem por sua diferença em relação aos outros. Houve um deslocamento social que aprofundou as individualidades. Hall (2005) explica esse fato por meio das concepções de sujeito ao longo da história do indivíduo na sociedade e pelos descentramentos que este sofreu no século XX e que causou essa mudança de paradigma nos fenômenos sociais, e logicamente o impacto que sofreu o sujeito e suas concepções de si e dos outros.

Hall (2005) começa dando três concepções de identidade que se apresentam ao longo da história da humanidade: o Sujeito do Iluminismo, o Sujeito Sociológico e o Sujeito Pós-moderno.

A começar pelo Sujeito do Iluminismo, vê-se o mesmo como “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação” (HALL, 2005, p. 10). Desta forma, este sujeito se desenvolvia ao longo do tempo, porém continuava essencialmente o mesmo.

O sujeito sociológico possuía um núcleo interior que não era autônomo nem tão integrado como era o do iluminismo, mas formado basicamente na relação com as outras pessoas, que mediavam para o indivíduo a cultura, os valores, os símbolos. Nessa concepção, Hall (2005) apresenta a identidade como sendo forjada na interação entre o eu e a sociedade. Assim, o autor direciona para um ato de “costura” e “sutura” que é ato de interiorização do externo para o interno ou o contrário aquilo que doamos de nós a sociedade. Costura e sutura seriam, então, a nomeação a esse processo dialético do sujeito à estrutura social, estabilizando tanto o indivíduo quanto o meio cultural, no qual habitava unificando ambos.

Para Hall (2005) o que está acontecendo com o sujeito pós-moderno é que ele está “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (idem, 2005, p. 12). Neste sentido, aquela costura que o sujeito sociológico fazia com seu meio de cultura não se dá mais como um espaço em que as relações sociais acontecerão de maneira tradicional como aconteciam antes da modernidade, pois elas, agora decorrem em um espaço em que existe um novo sujeito, logo, em uma nova sociedade. “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (Bauman, 2005 p. 19).

Devido às mudanças estruturais e institucionais, o sujeito tornou-se provisório, variável e problemático. Isso fez com que a identidade do sujeito pós-moderno seja uma celebração móvel, estando em constante transformação a depender dos sistemas culturais com os quais entra em contato. Ou seja, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (Hall, 2005, p. 13).

Ainda acerca destas concepções de Identidade, René Descartes (1596-1950), visto por alguns como o pai da filosofia moderna e um dos precursores do Iluminismo, deu grande contribuição para a formação de um novo tipo de sujeito, foi profundamente influenciado pelas novas ciências, foi inclusive “fundador da geometria avaliativa e da ótica” (Hall, 2005, p. 26), em seus estudos filosóficos postulou dois princípios distintos: matéria e mente, sendo a primeira uma substância espacial e a segunda uma substância pensante. Ao refletir sobre estes dois princípios, Descartes, segundo Hall (2005, p. 27) cria o axioma “*cogito, ergo sum*” (ibidem.) e concebe um novo tipo de sujeito, o racional conhecido também como sujeito cartesiano. Ou seja, aquele que pensa, logo existe.

Após tal contribuição, surge anos depois John Locke (1632-1704) com seu ensaio sobre a compreensão humana. Cria-se, então o conceito de indivíduo soberano, sendo este aquele no qual “a consciência pode ir para trás, para qualquer ação ou pensamento passado” (Hall, 2005 p. 28). Sendo assim, o sujeito do passado constitui a origem das consequências às quais o sujeito encontra no presente. Em outras palavras, é concepção da identidade contínua, em que o indivíduo sofre as consequências das suas ações, numa época em que tudo era explicado pelo divino.

Estas últimas visões de sujeito expostas – (O Sujeito racional, ou cartesiano e o sujeito soberano) eram todas centradas no próprio indivíduo, foi quando surgiu então uma concepção de sujeito mais social, pois o localizava no interior de uma estrutura. O primeiro foi Darwin que afirmou que “a razão tinha uma base na natureza e a mente um fundamento no desenvolvimento humano” (Hall, 2005, p. 30). Em seguida, veio o surgimento do “estudo do indivíduo e dos seus processos mentais psicologia, sociologia que estuda a relação entre o indivíduo e a sociedade” (Hall, 2005, p. 31). E surge, então, o movimento modernismo que para alguns estudiosos contém em suas obras imagens proféticas do que iria acontecer com a sociedade vindoura.

Para alguns estudiosos, as identidades dos sujeitos modernos foram desagregadas, para outros, o que houve não foi desagregação e sim deslocamento chamado também de descentração, que está classificada em cinco momentos ocorridos ao longo do século XX.

O primeiro descentramento para Hall (2005) foi o pensamento Marxista que, apesar de pertencer ao século XIX, começou a ser reinterpretado na década de sessenta no século

XX. De sua obra foi extraída a ideia de que os homens só podem ser agentes ou autores de sua história, a partir das condições históricas ou culturais deixadas por aqueles que o precederam. Marx deslocou a proposição chave da filosofia ao colocar as relações sociais no centro de seu sistema teórico e não a noção abstrata de homem.

O segundo descentramento pauta-se na Teoria do Inconsciente de Freud que postula que a identidade humana é formada em processos psíquicos ocorridos no inconsciente e que funciona uma lógica muito diferente daquela da razão do sujeito racional. De acordo com o pensamento psicanalítico, a origem da identidade se dá na infância em meio a processos de fortes contradições e é nessa fase segundo Lacan (1977 *apud* Hall, 2005, p. 37) que construímos uma identidade como se fosse algo resolvido, porém ainda estamos vivendo conflitos internos e divisões. Por este prisma, a identidade “permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (Hall, 2005, p. 38).

O terceiro descentramento está associado ao trabalho do linguista estruturalista Ferdinand de Saussure, o qual argumentava que “não somos, em nenhum sentido os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua” (Hall, 2005, p. 40). Desta forma, Saussure faz uma analogia entre língua e identidade, “sabemos o que é a noite porque ela não é dia [...]. Eu sei o quem sou eu em relação com o outro (por exemplo minha mãe) que eu não posso ser” (*ibidem.*).

O trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault marca o quarto descentramento. De acordo com Hall (2005), Foucault produziu uma genealogia do sujeito moderno e nela ele destaca o poder disciplinar com seus desdobramentos ao longo do século XX. Para o referido estudioso o objetivo do poder disciplinar “é produzir um ser humano dócil e o estado consegue isso por meio de suas instituições escolares, prisões, quartéis, clínicas e etc.” Hall (2005). Para Foucault, essa forma de poder individualiza ainda mais o sujeito, pois ele é observado e vigiado constantemente via instituições formais.

O quinto e último descentramento pauta-se no impacto do feminismo, que fez parte dos grandes movimentos sociais ocorridos nos anos sessenta, tais como: antibelicistas, contracultura, os movimentos estudantis, movimentos pela paz e pelos direitos civis, entre outros.

Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, à política sexual, aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista, aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade, uma identidade para cada movimento. (HALL, 2005, p. 45).

Entretanto, segundo Hall (2005), o feminismo foi o movimento que mais teve influência no descentramento do sujeito, pois abriu para a discussão temas que até então eram privados, como: a instituição familiar, a sexualidade, o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, além de outros. Esse movimento proporcionou uma descentração, politizando as identidades e posições de sujeito na sociedade, o que antes era visto genericamente como seres humanos, agora possui posições identificadas e definidas; homens e mulheres com suas posições e diferenças; pais e filhos, com suas respectivas posições e condutas. O movimento feminista iniciou a formação das identidades sexuais.

Além das definições de Hall (2005), considera-se também, a definição de identidade ou identificação amazônica a partir do entendimento de cultura para Loureiro (1995).

A cultura amazônica é, para Loureiro (1995), uma cultura cabocla onde o homem se insere na paisagem através de reencantamento. Trata-se de uma “cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda” (LOUREIRO, 1995, p. 30). Dito de outra forma, lugar onde “o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos do seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos e à estetização” (p. 26).

Então, diante deste cenário, esta pesquisa se encarregará de investigar a identidade cultural dos jovens que estudam na Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto na comunidade quilombola de Jambuaçu em Moju/PA valendo-se de uma perspectiva científica com enfoque nos pressupostos da Análise do Discurso.

Análise do Discurso

Na construção da Análise do Discurso (AD), enquanto disciplina, surgiram trabalhos importantes para seu desenvolvimento que dividiram a análise do discurso em duas linhas: uma mais americana, outra mais europeia. Um desses trabalhos é intitulado *Discourse analysis*, do autor Harris (1952) que busca uma análise mais abrangente que ultrapasse o limite das frases, apesar de ser considerado apenas mais uma extensão da linguística.

Esses trabalhos são importantes porque são eles que darão conta das maneiras de pensar a AD, dividindo-a em uma linha mais americana comumente chamada de anglo-saxã, mais conhecida no Brasil como Análise Crítica do Discurso, e outra Europeia, conforme já mencionado.

A concepção da teoria do discurso europeia diferencia-se da teoria americana, já que esta última não vê a AD apenas como extensão da linguística. Considerando isso, Brandão (2004) mostra que:

Numa perspectiva oposta à dessa concepção da Análise do discurso como extensão da linguística, Orlandi aponta uma tendência europeia que partindo de “uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer,” coloca a exterioridade como marca fundamental. Esse pressuposto exige um deslocamento teórico, de caráter conflituoso, que vai recorrer a conceitos exteriores ao domínio de uma linguística imanente para dar conta da análise de unidades mais complexas da linguagem (BRANDÃO, 2004, p. 15).

A Análise do Discurso de linha Francesa tem como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux intitulada Análise Automática do Discurso (AAD).

A Análise do Discurso da chamada Escola Francesa (AD) surge no cenário da intelectualidade francesa, na década de 60, como reação a duas fortes tendências em destaque no campo da linguagem, a saber: (i) o estruturalismo e (ii) a gramática gerativa transformacional. No centro desse novo paradigma situa-se o estruturalismo lingüístico a servir como norte e inspiração. Afinal, a Linguística em seu papel de ciência-piloto das ciências humanas tem condições de fornecer aos apaixonados do novo paradigma as ferramentas essenciais para análise da língua, enquanto estrutura formal, submetida ao rigor do método e aos ditames da ciência, tão valorizada na época (GUERRA, 2009, p. 05).

Para Pêcheux (2006) é uma reflexão sobre a linguagem, arte de refletir nos entremeios. Pode-se considerar esta como um dispositivo de análise do contato histórico com o lingüístico, constituindo assim, a materialidade do discurso. Portanto podemos dizer que para Pêcheux na análise do discurso considera-se quem está falando, pois não existe discurso sem intencionalidade.

Pêcheux (2006) observa ainda os entrecruzamentos textuais às semelhanças e dessemelhanças entre os objetos discursivos o contato do eu histórico com o eu lingüístico no texto. Dessa forma, poderia se reconhecer de onde vem historicamente o autor do texto, onde está situado socialmente e qual o motivo de sua intervenção textual. Ao observarmos um texto por esta perspectiva analisa-se a tensão entre a descrição e a interpretação, assim pode-se perceber a materialidade da linguagem e da história no texto, a ligação entre o inconsciente e a ideologia.

Ainda segundo Pêcheux (2006), pode-se considerar a análise do discurso como estudo que se centra na relação entre o que eu gostaria de dizer e o que será entendido objetando, explicitando e, descrevendo montagens e arranjos sócio-históricos nos enunciados.

Entender a linguagem por meio da AD torna-se importante já que esta vê a linguagem como interação e analisa as construções ideológicas presentes nela, além disso, apoia-se sobre alguns conceitos e métodos da linguística. A ideologia e o discurso são elementos importantes que estão presentes na linguagem e constituem a AD:

Preconizando, assim, um quadro teórico que alie o linguístico ao sócio-histórico, na AD, dois conceitos tornam-se nucleares: o de ideologia e o de discurso. As duas grandes vertentes que vão influenciar a corrente francesa de AD são do lado da ideologia, os conceitos de Althusser e, do lado do discurso, as ideias de Foucault (BRANDÃO, 2004, p. 18).

Dessa forma, pretende-se analisar as construções ideológicas presentes a partir dos conceitos da AD levando em conta a ideologia e o discurso, deve-se considerar, também, o contexto histórico social dos sujeitos já que a identidade é constituída socialmente.

Por falar nisso, o conceito de ideologia está relacionado aos estudos de Althusser acerca dos Aparelhos Ideológicos do Estado, mostrando que a ideologia é o modo como o sujeito reproduz a realidade, levando-os a assumirem determinado papel e fazendo com que criem uma falsa ideia de liberdade e de escolha.

Para entender de maneira mais profunda o conceito de ideologia definido por Althusser, faz-se necessário saber o que Marx e Engels definem como ideologia.

Marx e Engels identificam “ideologia” como a separação que se faz entre a produção das ideias e as condições sociais e históricas em que são produzidas [...] O que as ideologias fazem segundo Max e Engels, é colocar os homens e suas relações de cabeça para baixo, como ocorre com a refração da imagem numa câmara escura (BRANDÃO, 2004, p. 19).

Assim, percebe-se que o termo ideologia está diretamente ligado a algo negativo, pois de certa forma, representa os interesses da classe dominante diante da sociedade, provocando ilusão da realidade, distorcendo as relações humanas e ditando como esta deve viver, o modo como devem pensar, fazer e agir.

Segundo Brandão (2004), a ideologia só surge na sociedade por meio do discurso, ou seja, este é o lugar onde se manifesta a ideologia. Assim, para Orlandi (2009), discurso é o efeito de sentido entre os locutores, isto é, o discurso é realizado por meio da interação, sendo esta ação da linguagem, em funcionamento, levando em conta o contexto social e considerando que o discurso é diferente da fala e da mensagem.

Não se deve confundir discurso com “fala” na continuidade da dicotomia (língua/fala) proposta por F. Saussure. O Discurso não corresponde à noção de fala, pois não se trata de opô-lo a língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis etc. (ORLANDI, 2009, p. 21-22).

Dessa forma, percebe-se que o discurso não é a fala, mas a linguagem em funcionamento, levando em conta os fatores social e histórico, ou seja, os fatores extralinguísticos.

A pesquisa e a análise dos dados

A pesquisa retratada neste artigo, caracteriza-se por apresentar uma perspectiva bibliográfica definida por Ander-Egg (1978, p. 28 *apud* SANTOS, 2003, p. 184) como “o procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”.

Assim, baseia-se em uma bibliografia que trata sobre o conceito de identidade na contemporaneidade, para entender como se constroem os processos identitários ao longo da história. E assim, compreender este fenômeno junto aos jovens pesquisados, no que diz respeito a sua formação enquanto jovem quilombola e seu autorreconhecimento. Neste intuito, usou-se a análise do discurso, já que ela considera que, os sujeitos estão submetidos às várias manifestações da ideologia impostas pelas instituições históricas sociais.

Além disso, realizou-se uma pesquisa de campo o que possibilitou a compreensão mais abrangente do contexto a ser pesquisado, constatando, de maneira direta, a realidade observada, conforme defende Lakatos (2010):

A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, de descobrir novos fenômenos ou relações entre eles (LAKATOS, 2010, p. 169).

Como ferramenta, foi utilizada a técnica da observação, que, inicialmente, buscava verificar se os jovens que estudam na Casa Familiar Rural definiam sua identidade cultural como quilombola; de que forma ocorria esse processo de construção da identidade; qual seria a importância da Casa, como mantenedora dessa identidade e, se aqueles sujeitos que não moravam dentro do território, também se denominavam quilombolas. Desse modo, também foi utilizada como ferramenta de captação dos dados, uma entrevista por meio de conversa, na qual se utilizou um questionário semiaberto, para melhor coleta das informações necessárias para efetivação desta pesquisa.

Foram utilizados, em forma de amostragem, os discursos de dezesseis alunos que estudam na Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto. Os alunos, entrevistados, fazem parte de uma mesma turma, sendo que, dentre eles, também estudam os que nasceram e moram no

território, os ribeirinhos e os que moram em Moju. Sobre isso, os nomes dos sujeitos foram omitidos por questões éticas de pesquisa

Para fins de análise, foram elencados alguns questionamentos que referendaram as entrevistas com os alunos, a saber: como estes entendem o termo quilombola, se eles se reconhecem como quilombolas, a definição de identidade relacionada ao lugar onde moram e a Casa Familiar Rural, como mantenedora da identidade cultural quilombola.

Quanto ao **entendimento do termo e o reconhecimento como quilombola**, ao entrevistar os alunos, primeiro, se buscou identificar se eles assim se entendiam e se reconheciam. Inicialmente, se constatou, por meio dos seus discursos que, alguns não entendiam o que significava a nomenclatura questionada, mas, no entanto, se consideravam quilombola, como notou-se no discurso dos intérpretes 4 e 8 ao mencionarem que:

Intérprete 4: *Não entendo muito bem ainda(...). Sim. Porque eu nasci aqui, eu tenho carteira de quilombola até o campeonato que teve eu joguei, só não joguei esse ano porque eu estava para a cidade não pude vim.*

Intérprete 8: *Na verdade não muito, não entendo muito(...). Considero, minha família é do Poacê, território quilombola, eu vivo na cultura participo das atividades culturais dos quilombolas e estudo em uma escola quilombola.*

Por meio desses discursos percebeu-se que os jovens mesmo não entendendo o significado do termo questionado dizem pertencer ao grupo. Constatou-se ainda que o pertencimento ao grupo pesquisado se atribui ao fato de nascer em uma comunidade remanescente de quilombo, já que o informante 4 nasceu na Comunidade São Bernadino localizada dentro do território por isso diz que é quilombola, assim como, os intérpretes 5 e 12:

Intérprete 5: *Eu vejo minha identidade cultural como quilombola (...) eu me considero, por **nascer** morar aqui, viver, fui criado aqui, tenho cultura também daqui.*

Intérprete 12: *Sim, claro. Porque eu **nasci** aqui eu me considero como quilombola.*

Como percebido alguns alunos definem suas identidades culturais como quilombolas, pelo fato de morarem na região. Mas, mesmo morando dentro do território, foi possível perceber que alguns não entendem o que é ser quilombola, conforme se vê abaixo, dados apontados pelo intérprete 15, ao usarem a expressão “deles”, como para se excluir dessa

denominação; ou como se não pertencesse ao povo quilombola. Nesse caso, o aluno atribui sua identidade, apenas ao fato de morar na região e estudar na Casa Familiar Rural.

Intérprete 15: *Considero, porque eu estudo nessa região, nessa escola aqui. (...). Eu entendo por meio de trabalho de cultura deles.*

Foi observado que, alguns alunos, mesmo não entendendo o valor semântico da palavra quilombola, denominam sua identidade cultural como pertencente a esse grupo. Para se compreender essa questão, cabe lembrar que, a Casa Familiar Rural foi criada para atender aos filhos dos quilombolas. Com o passar dos anos, ela começou a atender também alunos que não moravam na comunidade, mas que tinham um grau de parentesco com alguém que morasse no território e fosse considerado remanescente. Com isso, a clientela foi se ampliando para muitos alunos de outros lugares, como por exemplo, os ribeirinhos e alguns que moram na zona urbana de Moju. Entretanto, como a Casa está dentro do território quilombola, acredita-se que todos os alunos são quilombolas e até eles acabam acreditando nisso. Dessa forma, a Casa funciona como aparelho ideológico, já que leva os sujeitos a assumir a identidade imposta por ela.

Dessa forma, fala-se sobre o conceito de ideologia, segundo Althusser, que ao escrever *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970) afirma que:

Toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeito. Nesse processo de constituição, a interpelação e o (re) conhecimento exercem papel importante no funcionamento de toda ideologia. É através desses mecanismos que a ideologia, funcionando nos rituais materiais da vida cotidiana, opera a transformação dos indivíduos em sujeito. O reconhecimento se dá no momento em que o sujeito se insere, a si mesmo e a suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos (BRANDÃO, 2004, p. 26).

A Casa Familiar Rural, enquanto aparelho ideológico, leva os indivíduos a assumirem sua posição de sujeitos mediante as ações propostas pela instituição rural. Isto é, no momento em que o jovem aluno passa a frequentar a Casa Familiar Rural, vê-se como pertencente e semelhante aos demais indivíduos daquele espaço, visto que, realizam as mesmas práticas cotidianas e participam dos mesmos eventos culturais.

No discurso do intérprete 7, se percebe que, ele se atribui duas identidades: a de quilombola e a de mojuense. Isso, ele se justifica por estudar na Casa Rural e morar na cidade de Moju.

Intérprete 7: *Olha, eu me vejo como quilombola e Mojuense também (...) considero minha família do Poacê, território quilombola, eu vivo na cultura; participo das atividades culturais dos quilombolas e estudo em na escola quilombola.*

Já os intérpretes 11 e 15, se dizem quilombolas, pelo fato de morarem dentro do território quilombola e participar das atividades locais. O sujeito 15 chega a afirmar que quem mora dentro do território quilombola, automaticamente é quilombola, ou seja, para o aluno basta nascer ou morar dentro daquele espaço, para que a pessoa se considere remanescente de quilombo.

Intérprete 11: *Considero porque eu moro dentro da comunidade e participo das coisas.*

Intérprete 15: *Pelo lugar pela região (...). Porque aqui é a região quilombola, então a pessoa mora aí (...) considero, porque eu estudo nessa região, nessa escola aqui.*

No que diz respeito à **importância da Casa Familiar Rural como mantenedora dessa identidade**, é possível afirmar que esta instituição, enquanto um aparelho ideológico, não é só a mantenedora desse conceito de identidade como também é ela quem faz com que os alunos atribuam sua identidade cultural como quilombola, pelo fato de estudarem nela. É a ideologia trabalhada na Casa que está determinando a identidade desses alunos.

Alguns estudantes demonstram não entender o que significa ser quilombola, ou seja, é pelo fato de estudarem na Casa Familiar Rural que são capazes de afirmar em seus discursos sua identidade assumida. Em outras palavras, segundo Orlandi (2009, p. 46) “a ideologia é que coloca o indivíduo na condição de sujeito, para que este produza o dizer”, a ideologia dessa forma, torna-se a condição para a produção dos sujeitos e do sentido, assim leva os sujeitos a realizarem suas ações, ancoradas no que dizem os aparelhos ideológicos.

Intérprete 2: *Eu já vim descobrir **depois que eu vim estudar aqui na casa.***

Intérprete 7: *Eu descobrir muito assim pelos parentes meus que eu tenho pelo interior gente bem de idade e **muito pelo conhecimento da escola** que eu ter entendimento com o quilombola.*

Intérprete 10: *A tá foi através de **estudo aqui também**, de também a gente ver as tradições diferentes.*

Intérprete 15: *A partir de quando eu entrei aqui no Colégio.*

Intérprete 16: *Eu descobrir o que é quilombola, mas, aliás, eu só concretizei mais o que era quilombola pra mim a partir do momento que eu entrei aqui na casa familiar rural, aí porque eu ganhei mais conhecimento eles me explicaram e também me contaram as histórias do quilombola que eu não conhecia é não conhecia também o Zumbi a história de Zumbi.*

Percebeu-se, a partir dos discursos apontados acima, que como a Casa Familiar Rural foi criada para os filhos das famílias remanescentes de quilombo de Jambuaçu e que esta atenderia, inicialmente, só aos filhos deste quilombo, convencionou-se dizer que todos que estudam na Casa são quilombolas. No entanto, a realidade mudou e a escola atende aos alunos que não moram no território, mas, que quando chegam para estudar, alteram suas identidades e denominam-se quilombolas, como percebemos no discurso da intérprete 13, que mora em uma comunidade ribeirinha, mas, quando foi perguntado se ela se considerava quilombola ela respondeu: *Eu me vejo uma parte como quilombola, uma parte como ribeirinha.*

O fato de estudar na Casa Rural Quilombola, os alunos sentem-se no direito de dizer que são quilombolas. O intérprete 11 também assume duas identidades: *Olha, eu me vejo como quilombola e Mojuense também.* Esse aluno mora em Moju e, por isso, diz que é quilombola e Mojuense, ou seja, mais uma vez, se percebe que, os alunos sentem a necessidade de dizer que são quilombolas, mesmo não morando no território e, apenas estudando na Casa Familiar Rural. Isto é, tem-se uma heterogeneidade constitutiva, já que o discurso dos jovens está sendo influenciado por outros discursos, como por exemplo, o da Casa Familiar Rural, mesmo sem eles perceberem isso, mostrando assim a heterogeneidade presente nos discursos.

Considerações finais

A realização dessa pesquisa possibilitou maior compreensão quanto à construção da identidade de jovens que estudam na Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto e dessa forma, fazer algumas considerações dos temas estudados. Entre as várias constatações, percebeu-se que a Casa Familiar Rural não é só a mantenedora da identidade quilombola, como também, é a que faz com que os alunos afirmem sua identidade cultural, pelo fato de estudarem nela. Neste caso, é a ideologia da Casa que está determinando a identidade dos alunos, pois a referida instituição funciona como aparelho ideológico, quando assume o discurso de que ela foi criada apenas para os filhos dos quilombolas.

Assim, a Casa dissemina essa ideologia quando os sujeitos assumem a identidade quilombola, mesmo não entendendo o que é ser quilombola e nem morando dentro do território. Dessa forma, a Casa é formadora dessa cultura que está alicerçada nos discursos, pois a linguagem é elemento de cultura, assim os alunos que não se consideram quilombolas e nem moram no território, quando entram na instituição, acabam, em um determinado momento, assumindo essa identidade.

Diante do que foi visto, cabe a seguinte pergunta: quando esses alunos que não são remanescentes de quilombos saírem da Casa Familiar Rural esse sentimento de pertencimento e de reconhecimento da identidade quilombola vai permanecer? Hall (2005) diz que o indivíduo pode assumir diferentes identidades no decorrer de sua vida. Nesse sentido, a identidade pode ser moldada de várias formas, dependendo da interação a qual o sujeito está submetido na sociedade. Assim, também, ocorre com os jovens que estudam na Casa Familiar Rural Padre Sérgio Tonetto, uma vez que, definem sua identidade cultural como sendo quilombola, mesmo os que não moram no território, ou aqueles que nem compreendem o conceito de quilombo.

Com a análise das narrativas colhidas, também foi possível perceber que a Casa Familiar Rural é a maior mantenedora da identidade dos alunos que nela estudam. Cabe lembrar que, a instituição foi criada para atender aos filhos dos quilombolas, dentro de um território quilombola, o que reforça que seus alunos assumam uma identidade cultural, como pertencente a este grupo.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. (Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª. ed. rev.- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Programa Brasil Quilombolas**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/acoes/pbq> . Acessado em 23/08/2020.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. **Decreto número 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acessado em 07/09/2020

BRASIL. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Programa Brasil Quilombolas**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/acoes/pbq> . Acessado em 19/09/2020.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. A análise do Discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. Revista An. Sciencult, v.1, n. 1, Paranaíba, 2009. Disponível em: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=A+AN%C3%81LISE+DO+DISCURSO+DE+LINHA+FRANCESA+E+A+PESQUISA+NAS+CI%C3%81NCIAS+HUMANAS. Acessado em: 03/11/2020.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: @cidades. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=1504>. Acessado em: 19/09/2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7º. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8ª. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. (Tradução Eni P. Orlandi). 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. (PNCSA). **Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: quilombolas de Jambuaçu- Moju**. Pará. Brasília: 2007. Fascículo, n. 3.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 4º ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003.

SOBRE OS AUTORES

Rosiellem Cabral dos Passos de Almeida - Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (2010), Pós-graduação Lato Sensu em Língua e Literatura pela Escola Superior da Amazônia (2012) e Pós-graduação Stricto Sensu em Educação pela Universidade Estadual do Pará (2013) atuando nos seguintes temas: Ensino, Linguagem, Gramática, Variação Linguística; entre outros afins. Além disso, é uma das líderes do Grupo de Pesquisa em Educação, Linguagem e Estudos surdos (GPELES) coordenando a linha de pesquisa Linguagem e Educação linguística. E-mail: ellemcabral@gmail.com (<https://orcid.org/0000-0001-9601-7832>)

Ana Cristina Silva Batista - Estagiária da Universidade do Estado do Pará. Formada em Língua Portuguesa (UEPA). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino aprendizagem de língua materna.

Tony Tavares de Oliveira - Graduado em Letras (UEPA). Realizou atividades como bolsista da Capes no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade do Estado do Pará (PIBID/UEPA).